

A BATALHA

Reflexão, Administração, tipografia
CALÇADA DO COMBRE, 38-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de impressão e esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica as segundas-feiras... Não se devolvem os originais... Dos artigos publicados não respondemos os seus autores.

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluído o suplemento semanal
Lisboa, mês 9\$00; Província, 3 meses 2\$00; África Portuguesa, 6 meses 7\$00; Estrangeiro, 6 meses 10\$00.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 2027

SÁBADO, 11 DE JULHO DE 1925

UMA DECISÃO DESUMANA!

O chefe do governo declarou que não consentira que os deportados regressem à metrópole!

Esta declaração vem exacerbar a indignação com que a classe operária recebeu a maior das afrontas e a mais cruel das iniquidades. Deportar homens, sem julgamento prévio, é uma monstruosidade à face de todos os sentimentos de humanidade e das próprias leis burguesas. Persistir nesse erro odioso é agravar a injustiça cometida, é calcar a consciência e a justiça das classes trabalhadoras!

Mandar prolongar a existência dos deportados na Guiné equivale a condená-los à morte!

Porque foi "A Batalha" impedida de circular?

O governo enveredou pelo caminho das violências. Ainda não está há uma semana no poder e já demonstrou que está na disposição de manter a tradição democrática que consiste na perseguição obstinada à liberdade de pensamento e de refúgio — a todas as liberdades — e na perseguição tecnicamente às classes trabalhadoras.

A Batalha que já vem há tempos sofrendo uma vexatória censura que lhe cerca e que simboliza a corrente de iniqua repressão de que há tempos se vem desencadeando contra o operariado.

Que faz o governo? A Batalha para ser prevenida?

Coimtou as declarações do presidente do ministério feitas ao Diário de Notícias. Não as deturpou, não as torceu, publicou-as na íntegra. Que atitude tinhamos nós de tomar que não fosse a de energético protesto? Tudo! A Batalha que não é das "fórcas vivas" podia aplaudir um critério governamental, anti-jurídico, sob o ponto de vista burguês, num critério digno dos "mensungos das fórcas vivas", resumindo sócio, estabelecendo a pena de morte, sem julgamento? Enfim! A Batalha podia ficar calada, impassível perante a sinistra declaração de que a Guiné não se volta mais, que a Guiné é a estrada da morte, o caminho recto e curto para o cemitério?

A liberdade é a condição essencial da vida. Sem liberdade não há, não pode haver vida. No dia em que a A Batalha adiante, deixa de existir, deixa de viver. Ora A Batalha não é um jornal de cobardes, nem de escravos. Quem consultar a sua coleção, constatará que ela tem sido sempre um grilo irado de revolta contra as iniquidades e uma testemunha de acusação formidável contra todas as fórcas vivas. Em horas bem graves, em horas de perigo, ela nunca se intimidou, nunca tivergou-se, nunca se afastou do que considerou o seu dever.

O seu dever perante os espancamentos da polícia — era protestar. E protestou.

O seu dever perante os assassinatos cometidos pela polícia era verberá-los. E verberou.

O seu dever perante as perseguições era combatê-las. E combatê-las.

O seu dever perante as deportações era condená-las. E condenou-as.

A guerra de Marrocos

A ação rifeira é intensa e ininterrupta. Mil e quinhentos quilos de bombas lançados pelos aviões franceses

RABAT, 10.—Abd-el-Krim está empregando as suas reservas na presente ofensiva, que constitui um esforço desesperado para cortar a linha Tazza-Fez.

Depois de ter visto anular essa sua tentativa na direção de Tazza, transferiu a sua actividade guerreira para o sector de Ali-Aicha, a noroeste daquela cidade para o baixo vale de Lenens, pelo qual espera marcar diretamente sobre Fez.

A aviação francesa surpreendeu uma concentração de dois mil homens rifeños e dissidentes, em El-Had, ao norte de Fez, lançando sobre eles toneladas e meia de bombas, que causaram o maior pânico entre os rebeldes causando-lhes 170 mortos e 500 feridos, segundo as informações recebidas do campo inimigo.

As tropas francesas constantemente assediadas pelos rifeños

RABAT, 10.—Na região de Fez a El-Bali uma operação vivamente desenvolvida pelas tropas francesas conseguiu desembocar várias aldeias das margens do Ouergha e libertar as pastagens.

A pressão rifeira aumenta, porém, continuamente ao sul do Ouergha, na região de Kelas des Sless.

Na região de Tazza fortes perdas imobilizaram a ofensiva rifeira, continuando, porém, as forças de Abd-el-Krim concentradas a noroeste de Tazza.

Um ataque dos mouros repelido

RABAT, 10.—O grupo móvel de Bab-Tazza repeliu um ataque dos mouros e retomou a posição de Feselbale, bem como algumas aldeias nas margens do Ouergha. As perdas do inimigo foram muito importantes. (L.)

Parlamento francês de acordo contra a colonização...

PARIS, 10.—No decurso do debate de ontem sobre a situação em Marrocos, o sr. Pâniéve desmentiu o boato da perda de Tazza, e confirmou que em breve Abd-el-Krim terá conhecimento das condições de paz.

No caso de as recusar — afirmou — a Fran-

Notas & Comentários

O «cré ou morres»

Os democráticos têm levado quase toda a sua existência política a aplicar como princípio da liberdade o «cré ou morres» a quem não é da grel. E' claro que a aplicação sistemática desse torvo critério ainda havia de lhes calar em casa, servindo-lhes de raio fulminador.

O «cré ou morres» foi agora aplicado pelo Directorio do Partido Democrático aos seus correligionários esquerdistas que denotam, se têm esforço por combater as ideias conservadoras chefiadas por ex-marquises anafados e dirigentes ou cumplices de grandes empresas.

O Directorio do partido intimou os esquerdistas a cessarem com a sua propaganda, sob penas severíssimas. E, como estes se tivessem recusado a submeter-se, o Directorio está-lhes instaurando processos disciplinares com o fim de os irradiar.

Por sua vez, os ameaçados preparam-se para resistir, e tudo leva a crer que o partido democrático nos vai proporcionar um espetáculo curiosíssimo.

Um aborto judicial

Dirigido ao ministro da Justica publicou o sr. António Sebastião de Barros, dentista no Porto, uma carta aberta à qual deu o título de «Um aborto judicial». O sinatário enviou-nos um exemplar, pelo qual verificamos que há dois meses sofre a perseguição do carcereiro da cadeia de Valpassos, que o accusa de ocultar um cartucho de dinamite e de ser fabricante e detentor de bombas explosivas, quando esteve detido naquele a cadeia por um motivo futil.

O arguido solicta que seja abreviado o julgamento para antes das férias judiciais a fim de rapidamente terminar uma situação que bastantes transtornos lhe está causando só por capricho do seu perseguidor.

Odio velho...

A Checoslováquia está em conflito com o Vaticano por ter comemorado, com um cunho oficial, o 5.º centenário de João Huss, uma das grandes vítimas da igreja. O múnio apostólico abandonou já a Checoslováquia, tendo ido dar conta ao papa da atitude tomada por aquele país.

João Huss que proclamou que a verdade estava acima da igreja foi por esta queimado vivo. Cinco séculos depois o ódio da igreja contra ele ainda subsiste de modo a provocar conflitos como o que foi agora aberto. E' que ela não perdoa aos espíritos rebeldes quinhentos anos após o seu assassinato.

A igreja é insensível à generosidade e à piedade demonstrando assim estar perfeitamente integrada naquele conceito de Cristo: «amai-vos uns aos outros...» João Huss, ainda recentemente, com o seu 5.º centenário, consegue destruir uma das muitas hipocrisias católicas: — E' que morto o homem, a ideia fica.

Finalmente

Callero, anónimo refugiado político que a polícia prendeu na sede do Sindicato Mobiliário e que há quinze dias se encontrava no caboubo 8 do governo civil, foi interrogado, as 16 horas, posto em liberdade. Momentos antes de sér solto preguntaram-lhe se conhecia os motivos da sua detenção.

Callero respondeu que não. Apesar de que há 15 dias tinha sido preso na sede do Sindicato Mobiliário. A polícia, em face desta declaração, mostrou-se surpreesa com o sucedido.

Só por troça podemos aceitar que a polícia ignorasse que Callero fosse uma das suas vítimas. Talvez por isso é que há pessoas há dias incomunicáveis em várias esquadras.

Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Reuniu ontem a comissão organizadora do Congresso a que compareceu a maioria dos seus membros, ocupando-se de trabalhos de máxima importância para o bom êxito do mesmo.

Resolviu modificar a comissão revisora dos estatutos da Federação a qual ficou composta por Delfim de Sousa Pinheiro, Eugénio Inácio e Alvaro Santos. Para a actualização das teses: Virgílio Moura Santos, Carlos José de Sousa, António Coslado Nogueira de Brito, Raúl de Sousa e um delegado dos Litógrafos. Ratificou a nomeação de secretário da comissão organizadora o camarada Virgílio Moura Santos.

Ficou resolvido intensificar a propaganda e a montagem de Ligas e Núcleos Gráficos na província e marcar a realização do Congresso para 20, 21 e 22 de Setembro em Santarém. Fixou a data de adesão em 30\$00 para os organismos que possuam até 200 federados e de 60\$00 para os que possuam maior número.

Resolviu também oficiar a todos os organismos pedindo o envio de qualquer baloiço ou alteração a introduzir nas teses aprovadas nas Conferências de Lisboa e Porto. Marçoq nova reunião para a próxima sexta-feira, 13 pelas 18 horas.

ca responder-lhe-há com uma ação enérgica.

O sr. Roux Frassineng, deputado por Oran, declarou que Abd-el-Krim é um aventureiro que reina pelo terror, sendo cada vez mais elevado o número de rifeños que abandonam o seu distrito para Iherrem em África.

O sr. Blum, em nome dos socialistas, declarou que estes não votarão contra os créditos que permitem à França defender-se da agressão rifeira, mas que se abstêm de votar em consequência da tradição anti-colonial do partido, mas não se tratando, porém, dumas questões governamentais.

Os membros da missão parlamentar de inquérito que foi a Marrocos, fizeram o elogio da obra da França e da atitude tanto das tropas como da população europeia aí incigna.

PARIS, 10.—A câmara aprovou por 411 votos contra 29, os créditos pedidos para as operações em Marrocos.

A paz vai ser proposta aos rifeños

PARIS, 10.—«Le Matin», anuncia que o general Primo de Rivera, que se encontra sofrendo dum ataque gastrico, encarregou o negociador oficial espanhol Etchavarrieta, de comunicar a Abd-el-Krim, as condições de paz estabelecidas pelo acordo obtido na conferência franco-espanhola, que vai ser assinado pelos dois governos interessados.

A revolta na China

Agência fornecedora de navios atacada à bomba

HONG-KONG, 10.—O governador da cidade declarou ontem à noite aos jornalistas que se encontra senhor da situação, todos os sintomas indicando que os grevistas voltam à razão.

Ontem à noite explodiram várias bombas junto da casa chinesa que se encarregou do aprovimento dos vapores da companhia «Empress of Canada». Os prejuízos foram perfeitamente materiais.

A expedição portuguesa a Macau não faltará música

PARIS, 10.—No decurso do debate de ontem sobre a situação em Marrocos, o sr. Pâniéve desmentiu o boato da perda de Tazza, e confirmou que em breve Abd-el-Krim terá conhecimento das condições de paz.

No caso de as recusar — afirmou — a Fran-

A carabina Congresso Confederal

A comissão organizadora dirige-se aos sindicatos aderentes à C. G. T.

A comissão organizadora do Congresso Confederal acaba de dirigir aos organismos confederados a circular que a seguir reproduzimos:

Aos sindicatos confederados

CIRCULAR N.º 49

CAROS CAMARADAS:

O Conselho Confederal da C. G. T. deliberou que o próximo Congresso fosse federal e que o mesmo se realizasse em Santarém, nos dias 23, 24, 25 e 26 do próximo mês de Setembro.

A necessidade de que o mesmo Congresso seja unicamente confederal, isto é, dos sindicatos aderentes à C. G. T., e não de aderentes e isolados, explica-se no facto de nos Congressos anteriores se fazerem representar sindicatos que tomam parte na discussão de todos os trabalhos, votarem as suas decisões e findos os Congressos voltarem à situação de isolados, recusando aderir à Confederação e por tanto ao não cumprimento das decisões que livremente tomam naquelas magnas assembleias.

Tal procedimento origina situações equivocas de irresponsabilidade por parte de organismos que têm responsabilidades morais e sociais identicas aqueles que constituem por meio das Federações e Unões ou isoladamente, a Confederação Geral do Trabalho. A máxima: «Mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres» que aplicamos ao conjunto vital da sociedade burguesa e capitalista, tem neste particular e pelo que as coisas proletárias diz respeito, uma exemplar aplicação.

A resolução do Conselho Confederal para que o Congresso se realizasse em Santarém e não em Évora, conforme deliberação do Conselho da Covilhã, tem a seguinte explicação, que cada sindicato a quem esta é enviada poderá ter em consideração e que a sancionará ou não, conforme achar que é mais razoável.

Estes últimos anos foram de crise mais ou menos intensa para o proletariado, especialmente para o do norte, onde, por assim dizer, está concentrada a maior parte da indústria. Os efectivos sindicais sofreram grande abalo ressentindo-se do mesmo os cofres sindicais. A realização do Congresso em Évora comportaria gastos superiores às possibilidades materiais da maioria dos sindicatos e esse facto deveria ser tomado em consideração pelo Conselho Confederal e cremos que igualmente será considerado por todos os sindicatos — se tem em conta que a importância do Congresso resulta não só das decisões práticas que o mesmo tomará como do seu número de representações.

Santarém é um ponto mais central do que Évora — o que facilita a adesão e representaçao de todos os sindicatos do Sul, do Centro e do Norte do país.

Julgamos ser esta uma razão forte a atender e que o bom senso e o espírito de justiça dos sindicatos aprovará sem discrepâncias.

Da importância que o congresso confederal virá a atingir dito-hão as questões que ao mesmo vão ser submetidas a exame. Os acontecimentos dos últimos três anos, certos fenômenos da vida moral e colectiva do país, as condições de vida e de trabalho da época que decorre, as necessidades morais e materiais da organização, o seu robustecimento e a intensificação revolucionária e intelectual do operariado português, a defesa das suas liberdades ameaçadas, etc., são questões que merecem estudo e exame e que impõem decisões com carácter prático e eficiente, por forma que as máximas vantagens colectivas sejam achadas em proveito da classe operária.

A todos os sindicatos confederados se dirige, pois, o Comité Confederal para que evitem o máximo dos seus esforços a fim de se fazerem representar no próximo I Congresso Confederal (IV nacional).

E' oportuno chamar a atenção dos sindicatos para as seguintes condições de adesão, consignados nos estatutos confederados:

1.º Cada sindicato faz-se-há representar por um ou três delegados diretos;

2.º Os sindicatos de fóra do continente poderão fazer-se representar por delegados indiretos, os quais poderão acumular uma segunda representação, devendo esses delegados ser assalariados e confederados no exercício da mesma indústria dos organismos que representarem, salvo se os sindicatos são mistos;

3.º Não serão aceites delegados que exerçam funções políticas de qualquer espécie e bem assim cargos de confiança do governo, embora não políticos;

4.º Cada sindicato, no ofício de adesão, notificará o número exacto dos seus sindicados;

A quota de adesão para as despesas do Congresso será paga pelos sindicatos do seguinte modo:

Os sindicatos com a população até 100 membros, 15\$00; de 100 a 300, 25\$00; de 300 a 500, 50\$00; de 500 a 1000, 80\$00; de 1000 a 1500, 100\$00; além de 1500 sind

As perseguções

A sessão pública promovida pela Câmara Sindical, a pesar de iniquamente interrompida pela polícia, aprovou uma moção de protesto

A sessão pública que a Câmara Sindical promoveu ontem, esteve largamente concorrida. Às 21 horas, quando Rozendo José Viana abriu a sessão, já o Salão de Festas da Construção Civil se encontrava literalmente cheio. Depois o presidente se referiu aos objectivos da Câmara Sindical, expostos no manifesto-conto que distribuiu no público, diz que o operariado não pode ficar silencioso perante as deportações e a permanência de presos lá mais de 40 dias em várias esquadras, e sujeitos a rigorosa incomunicabilidade.

O orador que imediatamente se seguiu foi Vergílio de Sousa, que aconselhou o operariado a acompanhar os militares operários nos seus protestos contra as deportações. Entende que é indispensável um forte movimento que consiga o regresso à metrópole dos deportados.

O sr. Vergílio Marques, em nome da Liga dos Direitos do Homem, disse que este organismo está a lado do operariado contra todas as reacções. A Liga dos Direitos do Homem, embora conte no seu seio políticos, é pela liberdade, pois defende um ideal bastante elevado. Conclui as suas judicícias considerações, afirmando que os republicanos que no tempo de propaganda se batem pela implantação da República, irão realizar em todo o país sessões de protesto contra as deportações, e lutar pela liberdade contra as oligarquias que governam a República. Foi muito aplaudido pela assembleia.

Emídio Santana, pelo Núcleo de Juventude Sindicalista, diz que este organismo acompanha a organização dos seus protestos contra as deportações.

Segue-se João Miranda que diz que, se há polícias que tem coração, outros existem capazes de praticarem os piores crimes, como é o domínio público.

Nesta altura a autoridade intervém iniquamente, ordenando o encerramento da sessão. A assistência manifesta-se indignamente, tendo-se a seguir aprovado a seguinte moção da Câmara Sindical do Trabalho:

Considerando que, após o movimento revolucionário de 18 de Abril, pelo governo Vitorino Gimarães foram iniciadas repressões contra as classes trabalhadoras que, pelo seu espírito de liberdade, mais coesão demonstraram para o jugulamento de tal movimento;

Considerando que essas perseguições foram de tal maneira afrontosas que operários honestos foram deportados para as colônias;

Considerando que a polícia ainda não contente com esse facto conserva presos numerosos camaradas sem que a sua situação seja definida.

Considerando ainda que essas prisões se tornam mais iniquas e inquisitoriais pelo facto de se conservarem presos incomunicáveis há mais de 40 dias;

Considerando finalmente que alguns desses presos foram agredidos dentro dos calabouços;

O povo operário de Lisboa, apreciando todos esses factos, resolve:

1.º Prestar tóda a sua solidariedade aos camaradas presos e deportados;

2.º Lutar por tódas as formas até à sua completa libertação;

3.º Protestar indignadamente contra o facto da manutenção de presos incomunicáveis sem motivo justificado;

4.º Solidarizar-se com todos os trabalhos levados à prática pela C. O. T. no sentido de libertação e solidariedade a todos os perseguidos.

A sessão foi a seguir encerrada. Momentos depois apareceu um bando de polícias em atitude provocadora, dando bem a entender o seu desejo de agredir bárbaramente a assistência. Tiveram de retirar, sem ter conseguido pôr em prática os seus bárbaros desígnios.

Perdura a selvajaria

Manuel Simões Miranda e José Abrantes Castanheira que a polícia bárbaramente agrediu ao ponto de lhes produzir graves ferimentos, do que o próprio Parlamento e a imprensa burguesa se ocuparam, continuam incomunicáveis, na mesma esquadra do suplício — a de Santa Marta. Há já 40 dias que aqueles infelizes sofrerem os rigores da infâmia policial que parece eternizar-se.

Nos protestos da imprensa, nem a própria atitude do Parlamento obrigaram a polícia a mudar de rumo, a dar destino aos presos. A sua omnipotência é superior à vontade de todos, a todos os direitos, por mais humanos que sejam.

Aqueles dois presos, cujo sangue dos ferimentos não conseguiram horrificar a sensibilidade dos parlamentares, ainda não foi dado destino, a pesar da polícia vir a público dizer que estão completas as investigações sobre o motivo da detenção dos presos. Porque os conservam ainda na prisão? Porque não saem da esquadra de Santa Marta aqueles dois desgraçados? Será porque os seus ferimentos ainda não estão curados e para não se conhecem vestígios das selvajarias policiais?

Que nos responda o sr. Jorge de Carvalho, o inquiridor dos espancamentos aos presos.

Incomunicável há 30 dias

Na esquadra dos Terramotos há 30 dias que se encontra incomunicável o operário manipulador de pão Manuel Pereira. Por mais que a família reclame não há maneira da polícia normalizar a situação arbitrária do preso. O adjunto da P. S. E. que está a inquirir das agressões aos presos, se desse ao trabalho de fazer uma visita aquela esquadra talvez encontrasse a prova da demora incomunicabilidade. Mas o sr. Jorge de Carvalho não se preocupa com essas injuriias...

Não se agride presos...

Faz hoje 27 dias que a polícia prendeu aquele indivíduo que, como já referimos, se encontra incomunicável na esquadra do Rato.

Segundo nos asseguram o preso está ferido, sendo, certamente, para esperar que ele se cura e encorajar agressões feitas que a polícia ali o retém.

SOLIDARIEDADE

Pré-José Filipe

A comissão de amigos de José Filipe, promotor da queite em seu favor recebeu mais as seguintes importâncias: de três membros do grupo do catorze e meio, 20.000

CARTA DE COIMBRA

Um crime de estupro

praticado à sombra das festas de São João e São Pedro

COIMBRA, 8.—Se as festas do povo tivessem aquele carácter que observamos no recinto particular do grupo «As Patelas», onde de facto se reúne muita gente em confraternização, com «pic-nic», dansas ao ar livre e jogos, tudo rindo e satisfeito de dentro de uma harmonia digna de menção—não teríamos de registrar nas colunas de *A Batalha* um caso bastante repugnante e que por força tem de ser tratado como deve, por mais que isso custe à maioria dos jornais deste burgo que têm a servir-los nôs consciências mais possivelmente homens que da imprensa fazem báculo.

Já não é a primeira vez que os jornais de Coimbra, não dizemos todos, mas uma vez uns, outra vez outros, não sabendo se poderá escapar uma para amostra, têm procurado encobrir as responsabilidades de certos delitos.

Não somos nós que pedem prisão para os delinqüentes, pois sabemos-lhos destas sociedades mal organizadas e desfeitas. Portanto defendemos a livre expansão, verdadeira clara está, de casos e abusos a reprimir, apresentando-nos nas suas verdadeiras cores e tirando a ilusão do remédio.

E a provar a falta do cumprimento jornalístico, a título de amostra, basta que nos refiramos àquele caso passado há dias no mercado D. Pedro V, em que um operário foi agredido selvaticamente por soldados da guarda republicana e polícias, e que a imprensa levou para «borbotona cheia de piada, rindo com o que se passou e tirando assim as responsabilidades do conflito de cima de quem as tinha. Pois se elas incriminavam agentes da «ordem»...».

Agora o caso é o seguinte: alguns indivíduos, cujos nomes ainda não conseguimos saber, na faixa de percorrer as diversas «fogueiras» foram até aos sítios de Montes Claros, salvo erro, e aí, metendo-se de conversa com algumas raparigas, raptaram duas.

Levadas para longe, de automóvel, segundo nos informaram, elas lá foram vitimas da bestialidade de seis homens-feras, tendo uma das raparigas apenas 14 anos! Os leitores estão vendo: seis indivíduos, a saciar os seus instintos brutais numa criança, pois outra coisa se não pode chamar a uma rapariga de 14 anos!—tendo deixado, claro está, em misero estado!

Como é repugnante! Como é infame!

Entretanto, a notícia corre célebre por toda a cidade—os jornais do burgo calam!

«Porquê?—Ninguém o diz, o certo é que, informaram-nos; alguém se move para tudo abafar pois há homens casados metidos neste nefando crime.

Não somos, repetimos, dos que pedem prisão para os delinqüentes. No entanto, para que uma criança de 14 anos não vá parar ao mundo alcoólico, alguma coisa tem de se fazer em sua defesa.

Não somos, também, dos que apontem, nestas circunstâncias, o remédio para o mal. Ele não é como muita gente supõe de remédio fácil, segundo nossa concepção da liberdade e do amor, que não podem existir sob as sãs cedas de regulamentos, nestes casos nulos. Estas aberrações de carácter e sentimentos humanos, com suas consequências, não se resolvem, por muitas vontades que hajam neste sentido, de uma forma rápida, com reparação e de mal eliminado. É doloroso constatar-lo, mas é verdade.

Entretanto, voltando atrás, o que se não pode aceitar é o silêncio da imprensa desta Lusa-Atenas envergonhada por seus filhos que a vendem, neste caso, e que amanhã a comprometem levantando hossanas a uma virtude que não existe. Como também não pode ficar desamparada uma criança mártir e vítima das mãos desta sociedade sem leme e corrompida.—C.

Como certo «Magno» lesa os interesses dos trabalhadores

COIMBRA, 9.—Como a cumprirmo-se os fados, cá estamos novamente de volta com aquele industrial metalúrgico sr. Magno a que há tempos nos referimos a propósito do seu proceder sobre o horário de trabalho.

Dessa vez pretendo que os seus operários produzissem trabalho de 10 horas, pagando-lhes simplesmente trabalho de 8—o que era um ronco. Agora, como não se satisfaz com os 20%, que um soldador a autêntico lhe dava, por se servir da sua casa como oficina para o seu ganha pão, vê de arranjar uma conta fantástica com muitos números de débito para o operário soldador arrancar mais umas centenas de escudos.

Quer dizer: o operário soldador trabalhava por conta própria—mas servia-se da oficina dêsse sr. que pelo visto não é de «Magno» recebendo este a percentagem de 20%. E, o tal Magno como só pensa em explorar e se não contentava em receber 20% sem trabalhar comece a exigir mais percentagem. Porém o operário soldador não estava pelos ajustes e, passados dias, saiu por uma insignificante questão.

Entretanto, surge o Magno, e, pretextando um débito de percentagem superior ao que lhe era devido, manda fazer um arresto às ferramentas do dito operário!

Porém o assunto não podia ficar desta forma: estava um operário sem as ferramentas para ganhar suficiente para se alimentar, e à sua companheira que por acaso está gravemente enferma, e, além disso, que nos conste as ferramentas de qualquer operário não podem ser arrastadas pelo facto de dever qualquer importância.

Sim! pois não se comprehende que uma criatura fique sem os utensílios indispensáveis à sua labuta, porquanto sem elas está inibido de trabalhar—e de comer!

Fei o assunto levado para o campo que lhe pertence—o jurídico, pelo referido operário, tendo-lhe já sido entregues as ferramentas a requerimento do seu advogado, e arrumado o conflito ganhando, como não podia deixar de ser, o operário soldador.

Porém, no entanto, para que fique conhecida de todos a moral deste sr. Magno, que só se apressa, como bom burguês que é, em prejudicar os outros em seu benefício, aqui deixamos estas linhas em *A Batalha*.

SOLIDARIEDADE

Pré-José Filipe

A comissão de amigos de José Filipe, promotor da queite em seu favor recebeu mais as seguintes importâncias: de três membros do grupo do catorze e meio, 20.000

Trabalhar para morrer...

Mata-se um operário trabalhando para que seus filhos não passem fome

BRAGA, 7.—Acaba de dar-se um doloroso facto nas obras da fábrica de saboaria e perfumaria «Confiança», de Alfonso & C.

Pelas 9 horas, um operário da construção civil morreu repentinamente de uma doença que há duas semanas o atacara.

Como um forçado, ficou um escravo, ele deprezava a doença que torturava; e fôr trabalhar, arruiná-la a saúde já combatida, arriscar a vida, conscientemente, friamente, porque três filhinhos de menor idade choravam em casa com fome.

Ele não tinha pão para lhes dar.

Porque a casta exploradora não reconhece aos que lhe proporcionam todos os confortos, a abundância, o superfluo, o direito de viver um minuto sequer que não seja para promover o seu bem-estar.

Ele lá foi trabalhar, porque só quando e tressudo, até esgotar, conseguia os meios de livrar-se do suplício de ver os seus entes queridos sofrendo as agruras da fome.

E agora, essas três desgraçadas crianças, porque lhes mataram o pai, terão talvez de viver da esmola que degrada, e não será difícil abri-lhes a porta na frente do caminho do vício e do crime, mercê de desamparo em que os deixaram a sociedade, a sociedade que implacavelmente os perseguiu, se como resultado do crime dela se tornarem inúteis ou maus.

INSTRUÇÃO

Aulas de francês no Sindicato dos Operários Alfaiates

Está aberta até ao próximo dia 13 do corrente, a inscrição para as aulas de francês, sendo apenas necessário que o candidato a aluno apresente a cedulinha confederal, condição indispensável. A matrícula é de 500\$00 e igual quantia por mês. A primeira lição será na próxima segunda-feira.

Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio

Começou no dia 1º do corrente o prazo para entrega dos documentos para os exames de admissão à esta Escola.

O curso compõe-se de quatro anos, e as disciplinas nele professadas são: Desenho, Português, Francês, Inglês, Geografia, História, Ciências Naturais, Física e Química, Escrita, Comércio e Trabalhos, Música, habilitação completa para a admissão aos Institutos Comercial e Industrial e Escola de Telegrafistas, constituindo além disso pela organização dos seus programas, excelente preparação para a vida prática comercial e industrial.

Na Secretaria da Escola, Largo do Poco Novo, n.º 1, prestam-se todos os esclarecimentos aos interessados, das 10 às 16 horas.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado notifica ao operariado que não tem descarado a situação dos operários presos nos inúndos calabouços do governo civil e incomunicáveis em várias esquadras há mais de 40 dias, sem que se saiba ainda os motivos das suas detenções.

Tem-se avistado basta vezes com os respectivos ministros e entidades policiais sobre este assunto, ficando as mesmas de abreviar as investigações.

Constatou este Secretariado a libertação de alguns presos e lamenta que a liberação dos restantes não se faça com a urgência necessária, como o exigem as necessidades que existem nas casas desses operários.

Este Secretariado continua a efectuar diligências pró-libertação dos presos.

Em defesa própria

De Manuel Soares recebemos, com o pedido de publicação, a carta que a seguir reproduzimos:

Comandado reductor — Há já 15 dias que saiu no nosso jornal um convite, para que todos aqueles que contra a minha pessoa tivessem algumas provas, de que eu tinha baixado ao infame papel de delator as apresentasse na C. G. T. Até à data, poréu, ninguém apareceu. Lamentando a falta de escrúpulos com que se levantam calúnias no firme propósito de imutilizar aqueles que à organização têm emprestado todo o seu esforço, continuo esperando que apareçam as provas da minha infâmia.—Saudes e Sindicato.

Este Secretariado continua a efectuar diligências pró-libertação dos presos.

AVENIDA

Agradou muito a peça «Mulher Fatal», três actos da mais requintada literatura. Houve aplausos vibrantes em todos os finais de acto. O desempenho soube valorizá-lo convenientemente, dando Ester Leão uma criação notabilíssima na protagonista.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicatismo

Por Arckino. Preço 50\$00.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2.000, pelo correio 2.500

Devolto à administração de *A Batalha*

EDEN TEATRO

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

A pesar das promessas conquistadas a miséria continua a sentir-se

Segundo noticiam os jornais, o actual presidente do Ministério ao receber uma comissão de funciários que com ele se avistou, a propósito do já agora célebre aumentos de vencimentos, fez-lhe saber que encontrava tóda a justiça nas reclamações e que tudo faria na intenção de atender quanto lhe fosse possível, pois que, se por um lado o governo tinha de atender à difícil situação do funcionalismo, por outro tinha que ter em conta o estado do tesouro. Não dizem os jornais, nem isso se torna necessário, qual a atitude da comissão ao colher tal promessa. No entanto, ante uma tão bela esperança provável é que apenas um sorriso lhe aforasse aos lábios.

Poucos, muito poucos mesmo temem sido os políticos que ao passarem pelas cadeiras do poder temem tanto a coragem de negar a justiça que assiste ao funcionalismo; mas também, poucos, muito poucos mesmo temem a seriedade suficiente para as atender.

As promessas ou esperanças que os serventários do Estado possam obter quando, em simples desgraça reclamatoria, se dispõem a subir as escadarias do Terreiro do Paço de forma alguma já podem servir para minorar a miséria que os rodeia ou diminuir a desconfiança que as criaturas que lhas dão, lhe inspiram.

Agora, mais do que nunca, essa desconfiança se afirma, pois que todos muito bem sabem, até mesmo os seus próprios correligionários, que nenhuma mais do que o actual presidente do ministério se tem esquecido do funcionalismo e maltratado as classes produtoras.

Muitas e variadas têm sido as vezes que o sr. António Maria da Silva, fertil sempre em promessas, tão fertil que para se aguentar no poder, segundo corre, vai até ao ponto de ceder aos partidos o número exacto de deputados que cada um deseja, tem dado as melhores esperanças ao funcionalismo, mas também não poucas têm sido as vezes que ele o tem causticado e esquecido.

O que o funcionalismo necessita, ainda que para tanto tenha de se arrostrar com a penuria do tesouro, é vés aumentados os seus vencimentos por uma forma democrática e decisiva, como já se fez nos correios e telegrafos e congresso da República, bem diferente das restantes, isto é, adoptando o princípio do ordenado mínimo, para que se não venha a cair no velho sistema de conceder elevadas subvenções a quem já auferiu vencimentos, e para que se não deixe em nós a dúvida sobre a sinceridade de certas reclamações.

Os aumentos como intimamente têm sido feitos apenas se podem tomar à conta de provocação, pois que enquanto os humildes se ficam a debater com a miséria que já os rodeava, os grandes, aqueles que já viviam desafogadamente, ficam a viverem principes.

Provável é que alguém dos «ilustres» funcionários com entrada pela janela, a quem a política tem servido de magnifica escada «magyrus», para por ela se guindarem a situações que nem a sua inteligência nem as suas habilidades justificam, me achemos de boleivista. Mas boleivismo creio eu ser tudo que até agora se tem feito em que os dinheiros do país, em vez de serem distribuídos à miséria de cada um, são dados ao lugar que cada qual ocupa, o que dá em resultado de, enquanto os pequenos se debatem com a fome, os grandes viverem à grande e falam como uns «lords».

O aumento que o funcionalismo reclama e que tem incontestável direito, terá que ser distribuído consoante as necessidades de cada um, de mais com a presença nas cadeiras do poder dum governo conservador, elas será o primeiro a reconhecer que os pobres, aqueles que menos têm, se alguma coisa necessitam conservar, essa coisa é a de todas a mais sagrada o Direito de Viver, pois esse é o mais forte e o mais importante de todos.

Paulo Emilio.

De Angola

Foi determinado que a povoação de Abdu-lo, em Benguela, passe a denominar-se Vou-va.

Turismo

Os exames de guias-interpretes, interpetes, guias e correctores de hoteis, que tinham ficado transferidos realizam-se, na Repartição de Turismo, na terça-feira próxima, pelas 14 horas.

chapéu desabado de feltro já velho e que vestia um surco preto não menos remendado que os calções, e tão estirrulado como não se tinha visto estudante algures na universidade de Paris. Guilherme, longo tempo detido pela timidez rústica, não se tinha atrevido a dirigir a palavra a Rufino Quebra Tudo; e, entretanto, algumas falas proferidas em redor dele na multidão e pelo próprio estudante aumentava, por muitos motivos, a curiosidade do aldeão.

— Pobre Perrin Macé, dizia um parisiense, corta-lhe o pulso e ainda em cima ter sido enforcado sem julgamento e só pelo belo prazer do regente e dos seus cortesões!

— E' assim que a corte respeita a celebre ordenação do nosso amigo Marcel!

— Oh! a nobresa... é a peste e a ruina do país!

— Os nobres! exclamou Rufino Quebra Tudo, são os cavalos de parada enxaielados, emplumados, bons para ostentar; mas que não carregam nem puxam, e se se trata de lhes dar uma arrancada, fogem e recuam cobardemente!

— Entretanto, senhor estudante, aventurou-se a dizer um homem gordo de chapéu debruado, a nobre cavalaria é digna de todos os respeitos de nós os burgueses.

— A cavalaria, exclamou Rufino, soltando uma galhardia de desprêzo, a cavalaria não serve senão para andar de roda do circo nos torneios com o sentido no prémio, visto que as armas e o cavalo do vencido pertencem ao vencedor! Por Jupiter! os talis valentes brigam para derrubar os adversários, do mesmo modo que nós procuramos derrubar o pau para ganhar o monte quando jogamos à malha no nosso Vale dos Estudantes; mas se se trata de arriscar a pele na guerra sem mais ganho do que gilvazos, a nobresa foge vergonhosamente como fugiu ultimamente na batalha de Poitiers, dando exemplo de cobarde derrota a um exército de quarenta mil homens que voltaram costas a oito mil arqueiros ingleses! Pela barriga do papá! e

chamam a isto homens! e eu digo que são lebres! e lebres da mais cobarde espécie!

— Vamos, senhor estudante, replicou; rindo, outro cidadão, não maldigamos da nobresa. Não nos desembraçou ela, porventura, do rei João, deixando-o prisioneiro dos ingleses?

— Sim, disse uma voz, mas ser-nos há mister pagar o resgate real, entretanto seremos governados pelo regente, um rapazinho de vinte anos apenas, que manda enfocar o povo quando, como aquele pobre Perrin Macé, ele reclama o dinheiro que lhe deve o tesouro real.

— Graças a Deus que o amigo Marcel, bem de pressa porá em ordem tudo isto... Esperemos... espremos!

— Oh! Marcel... é a providência de Paris!

— Vocês, realmente, não têm outra causa na boca senão o nome de Marcel, replicou o homem do chapéu debruado, com um azedume dissimulado; porque Marcel é preboste dos comerciantes e presidente dos vereadores, não se segue que seja o «João faz tudo» e os outros vereadores são tão honestos como ele, e sem irmos mais longe, o senhor João Maillart...

— Quem se atreve a dizer, que alguém possa ser comparado ao grande Marcel? exclamou Rufino Quebra Tudo. Por Jupiter! quem disse essa asneira fala como um idiota!

— Hum! Hum! replicou, a resmungar, o homem do chapéu debruado, eu é que digo isso.

— Ah! então é você que fala como um idiota! Replicou Rufino Quebra Tudo. Que diz! pois atreve-se, porventura, a sustentar que Marcel não é o primeiro dos cidadãos, o amigo, o pai do povo!

— Sim, sim, respondeu a multidão; Marcel é o nosso salvador; se não lisse ele Paris estava tomada e devasta pelos ingleses.

— Marcel, replicou Rufino Quebra Tudo com crescido entusiasmo, ele restabeleceu a economia das finanças, a ordem e a segurança da cidade. Pela barriga do papá! sei alguma coisa a esse respeito! E quer ou-

vir um exemplo? Há quinze dias, perto da meia noite que eu estava fazendo barulho em companhia do meu amigo Nicolau Pera Mole, à porta dumha honesta casa da rua das Rameiras; Jeanette a Bocacharda, recusou receber-nos, pretendendo que Margote e Andruiche não estavam em casa. A esta resposta eu e o meu amigo Pera Mole estivemos a ponto de arrumar a porta; mas neste momento passava uma ronda de bêsteiros instiuidos por Marcel a fim de fazerem a polícia das ruas, e eles prenderam-nos, metendo-nos na prisão tanto a mim como ao meu amigo Nicolau Pera Mole; fomos encarcerados no Chatelet, apesar dos nossos privilégios de estudantes da universidade de Paris!... Diga agora que Marcel não sustenta a ordem na cidade!

— Pode ser, replicou o homem de chapéu debruado; mas qualquer outro vereador obraria do mesmo modo, e o senhor João Maillart, por exemplo, teria...

— João Maillart, exclamou Quebra Tudo. Pela barriga do papá! se ele ou outro qualquer, ou o próprio rei se tivesse atrevido a tentar contra o privilégio da universidade, os estudantes levantariam-se iam em massa, teriam ido ao seu bairro de São Germano, e ferir-se-ia batalha em Paris. Mas o que se permite a Marcel, porque é de direito dos parisienses, não se permitiria a nenhum outro.

— O estudante tem razão, exclamaram na multidão; Marcel é o nosso idólo, porque é justo, porque toma a peito o interesse dos burgueses contra os cortezãos, dos pequenos contra os grandes. Viva Esteveo Marcel!

— Se não tóssse a actividade de Marcel, se não tivesse a sua coragem, a sua previdência, os ingleses já teriam posto Paris a fogo e a sangue.

— Não fez também Marcel com que a nossa cidade não padecesse fome, quando foi ele mesmo a testa da milícia ate Corbeil para defender e salvar uma carga de cereais que os navarrezes queriam roubar?

— Não digo que não, replicou o homem do chapéu debruado, com invejosa obstinação; mas no lugar de Marcel, o senhor Maillart teria feito outro tanto.

— Certamente que sim, se o vereador Maillart

fosse como Marcel, replicou Rufino Quebra Tudo. O mesmo sucede a respeito de Jeanette a Bocacharda: se ela tivesse barbas, seria Jeanot Bocachard!

Esta saída do estudante foi recebida com risadas de aprovação dos assistentes; porque a maior parte dos parisienses sentiam por Marcel tanta afeição como solicitude. Guilherme Caillet reconcentrado em taciturno silêncio escutava atentamente estas falas divertidas e via confirmado o que Mahiet o Advogado algum tempo antes lhe tinha dito em Nointel sobre a legitimidade e poderosa influência do preboste dos comerciantes no povo de Paris. De repente o rufar dos tambores, o toque dos clarins e os rumores longuinhos de uma multidão considerável se ouviram cada mais; o entero desembocava da rua Maucoune para atravessar a rua de São Dimiz. Uma companhia de bêsteiros da cidade, comandada pelo seu capitão, abriu a marcha, precedida de tambores e de clarins, que alternativamente tocavam uma música fúnebre. Seguiam-se depois dois arautos da cidade, vestidos das suas cores, em trajes metade encarnados e metade azuis. Estes arautos apregavam alternativamente, e de vez em quando este psalmo lugubre com uma voz solene:

— Orai por alma de Perrin Macé, burguez de Paris, injustamente suplicado!

— João Baillet, tesoureiro do regente, continuava o outro arauto, tinha em nome do rei, pedido emprestado uma quantia de dinheiro a Perrin Macé.

— Este reclamou o seu dinheiro, em virtude do novo edito que ordena aos mordomos reais de pagamento o que comprarem ou pedirem emprestado para o rei, sob pena de seus credores o perseguirem como de lei.

— João Baillet tendo recusado pagar, injurou, ameaçou e bateu em Perrin Macé.

— Perrin Macé usando do seu direito de legitimidade, e do que lhe conferia o novo edito, repeliu os golpes, a ponto de meter João Baillet, e dirigiu-se à igreja de Saint-Mery, lugar de asilo, donde reclamou juizes.

O PARAÍSO BURGUÊS

'A Batalha' na província e arredores

Marinha Grande

O povo, em sessão pública, reclama a saída da G. N. R.

do concelho

Na Figueira da Foz um homem morre sem assistência médica e é levado até ao cemitério numa pequena carroça!

raras são as vezes que, saíndo fora da terra onde habitamos, não temos de tomar nota de qualquer caso que em A Batalha tenha de ser analisado para que em toda a parte se saiba da existência dum jornal que aos oprimidos, aos pobres, aos pobres defende.

Compre agora a vez à Figueira da Foz, localizada onde fomos em propaganda sindical. Um pobre cocheiro, um daqueles obscuros trabalhadores que pelo sol arde, doce, a parte se salva da existência dum jornal que aos oprimidos, aos pobres, aos pobres defende.

Depois de nadar se averiguar, a conselha amanhecer, mas eis que ontém esta terra foi surpreendida pela chegada de vários videntes, que vinham protestar contra a má conduta da guarda.

Houve uma sessão no Centro Democrático, na qual protestaram várias individualidades, reclamando em altos vozes a saída da guarda.

Como temos o rótulo de legionários abstivemos-nos de interrogar alguns dos mais exaltados, não deixando, no entanto, de brevemente relatar o que averiguamos de verdade sobre tal.

Consta-nos que a guarda espancou em Viana de Leiria algumas crianças. O que de fato se segura podemos dizer aos leitores, é que o povo viseirense não quer a guarda.

Devemos dizer, de passagem, que no aglomerado de gente que estava junto do Centro algemaram terem-lhes feito, feito o mesmo as crianças da Marinha Grande.

Fazem exercícios nas canhas para cavarrem.

As crianças da Marinha Grande

Está na forja uma nova torpeza

MINA DE S. DOMINGOS, 7.— Segundo corre e com certa insistência algémia, na fúria de arranjar alojamentos para as praças da G. N. R., pretende deixar sem abrigo famílias inteiras, velhos operários das minas. A suceder tal barbaridade aqueles desgraçados teriam que arrastar os seus corpos pelas imundas minas, como cães sem dono!

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento e é esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «éclips» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a uma, porque uma entidade apareceu a tratar do enterramento, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio?

